

1

Introdução

“A história do que fiz, só eu sei ser contador.”

– Mestre Moraes

Pedro Moraes Trindade é mestre de capoeira desde que chegou ao Rio de Janeiro, no início da década de 1970, egresso de Salvador. No ano de 2008, conquistou o título de mestre em História pela Universidade Federal da Bahia e caminha para o doutorado. Parece validar com sua ação o próprio dito que nos serve de epígrafe. Repete, assim, com sofisticação, o gesto de seu ancestral na capoeira, o mestre Pastinha, um dos primeiros a expressar pela escrita suas visões e seus conhecimentos sobre a capoeira.

Mestre Pastinha capturou com palavras os seus próprios sentimentos, de forma que, por eles, a capoeira se revelasse um pouquinho. Por esse gesto, travou um diálogo com a elite pensante do Brasil, falou ao lado dos intelectuais que integraram o movimento folclórico na década de 1940 e com diversos outros autores, entre eles Jorge Amado. Pastinha se colocou como mestre na roda da escrita com esmero na caligrafia. Assumiu a voz da capoeira diante dos intelectuais que a dissecavam em busca de contribuições para a construção de um ideal de brasilidade. Era mais um campo de batalha que se abria aos velhos mestres e, nesse caminho, Pastinha também foi seguido por mestre Noronha. A capoeira exige e os mestres não faltam ao dever. Hoje a capoeira exige mais, e o modelo a ser seguido tem passagem pelas universidades. Os antigos mestres recebem seguidos títulos de doutores *honoris causa* indicando que as portas da academia estão abertas aos seus conhecimentos e, cada vez mais, praticantes e não praticantes levam a capoeira em sua jornada acadêmica.

Juca Ferreira, o secretário da Cultura do ministro Gilberto Gil, em 2006, durante um encontro preparatório para a consagração da capoeira como bem

imaterial brasileiro, destacou que o título de doutor é comumente utilizado na relação entre patrão e empregado, na cultura popular. É a distinção de uma elite. Doutor é o advogado, o político, o médico, o bacharel. É aquele que possui o anel, indicativo de um saber acadêmico, quem o exibe no dedo. Sábio distante das coisas do povo e insensível aos sentimentos humanos. Como demonstram os versos de Catulo da Paixão Cearense.

Qual seria o anel do poeta
Se o poeta fosse doutor?
Uma saudade brilhando
Na cravação de uma dor.¹

Doutor é um título que o povo entoa com desdém e, jocosamente, diminui sua importância diante de outro, o de mestre. Este é um igual, possui o conhecimento próprio e útil à comunidade, é o mestre de obras, o mestre de bordo, o mestre cantador, o mestre de capoeira. Por esse mestre a voz do povo entoa com respeito o título e o capoeirista canta: “Viva, meu mestre!”

É como consagrados mestres populares que Pastinha e Moraes são obrigados a usar da própria voz para dizer o que é capoeira. Como capoeiristas, gentilmente participam de um debate promovido entre outros, dão sua contribuição e também se apresentam. Levam o que só eles podem levar: a alma do capoeirista. Contrapõem o conhecimento racional ao intuitivo, ecoando os valores de seus pares. Em seus manuscritos, mestre Pastinha é claro:

[...] se o capoeirista acreditar no raciocínio, ele vê uma força de recalque², tem função de escarecer³, dá a liberdade de pensamento e a convicção da verdade; para o bem cumprir, pessa⁴ ter conhecimento de como agem as forças por meio da faculdade intuitiva... (DECANIO, 1997, p. 73)

E mestre Moraes repete em suas falas: “Capoeira é sentimento.”

Com essas palavras definem o que lhes parece mais importante e irredutível na capoeira. O que os olhos não veem e as palavras não conseguem definir.

“Como alguém pode falar do meu sentimento?!” duvida, com espanto, mestre Moraes. E lança o verbo nas suas ladainhas, utilizando-se da música como

¹ CEARENSE, Catulo da Paixão. Trova. Acessível no endereço eletrônico: <http://recantodasletras.uol.com.br/trovas/1166969>.

² Motora, de impulso.

³ Esclarecer.

⁴ Precisa.

veículo de seus pensamentos. Já gravou cinco CDs e concorreu ao Grammy de música tradicional de 2004 com o CD *Brincando na Roda*.

Tive a honra de presenciar a gravação de seu último trabalho graças à bolsa de doutorado *sandwiche* que o CNPq me concedeu, proporcionando-me um convívio de seis meses com o mestre e seu grupo: o Grupo de Capoeira Angola Pelourinho (GCAP). O disco foi gravado em duas horas de trabalho em um estúdio de Salvador, houve apenas um rápido ensaio e a gravação definitiva. Realização possível graças ao entrosamento do grupo, fruto de uma convivência quase diária que ocorre em sua sede, dentro do forte Santo Antônio, localizado no bairro de Santo Antônio Além do Carmo, no centro histórico de Salvador. Foi nesse trabalho que o mestre Moraes gravou a “Iúna”, de onde extraímos nossa epígrafe.

A iúna é mandingueira
quando está no bebedor.
O café só se separa
quando sai do coador.
A história do que fiz
só eu sei ser contador.
Cuidado mulher solteira
com a língua do falador.
Camaradinho...⁵

Se acreditarmos que o café citado pelo autor é o próprio conhecimento, que na capoeira é sentimento, teremos a expressão de outro conceito importante, o de ancestralidade. Fica dito que apenas por intermédio dos antigos mestres podemos alcançar esse sentimento nos versos: “o café só se separa/ quando sai do coador”.

Seguindo esse princípio, abro este trabalho citando meus mestres. Como praticante, estou longe de poder falar em nome da capoeira, sou um aluno com apenas oito anos de prática e reconheço em mim as dificuldades para assimilá-la. Esta pesquisa é movida pelo desejo de me aprofundar nesse conhecimento mais do que em qualquer outra coisa. Não me coloco, portanto, como porta-voz de meu mestre nem de meu grupo; sou um praticante trazendo uma visão particular. Também não acredito na possibilidade de assumir a isenção científica de um discurso neutro. Minha fala estará na primeira pessoa do plural, não pela neutralidade, mas pela presença de diferentes discursos que em mim se processam

⁵ TRINDADE, Pedro Moraes. *Revista Praticando Capoeira Especial CD nº 11*. São Paulo, Editora D+T. 2008.

e que tento aqui colocar em palavras, conseguir algum controle sobre eles. Se por um lado são fruto de uma vida acadêmica multidisciplinar (graduação em Comunicação Social, mestrado em Memória Social e, agora, doutorado em Letras), por outro, são fruto de uma fidelidade a uma escola de capoeira que tem no GCAP seu grande representante. Todos os meus mestres um dia pertenceram a esse grupo (mestre José Carlos, um de seus fundadores, no Rio de Janeiro, e mestre Carlão, meu primeiro professor de capoeira, em Niterói). Por conta disso sou impregnado por essa forma de viver a capoeira que percebo ser uma forma de pensar o mundo com paradigmas muito importantes, normalmente apartados do pensamento de tradição colonial. Sobre esses paradigmas procuro formular meu texto, buscando uma escrita capaz de articular um discurso coerente entre forma e conteúdo. Procurarei confiar na capoeira, como meus mestres me ensinaram.

O presente trabalho possui o intento de falar sobre música. Expressão humana associada intimamente aos sentimentos. Veículo capaz de transmitir tristeza e alegria, de provocar paixões; que está a serviço dos enamorados, das nações, das religiões. Expressão coletiva que se individualiza, expressão particular que se compartilha.

Escrevemos sobre a música da capoeira, uma arte definida por seus mestres como sentimento. Portanto, *sentimento* se multiplica no nosso objeto de estudo. A tarefa parece mais apropriada a um poeta que a um acadêmico, mas possui sua história no pensamento humano. Está no conceito de *ethos* da antropologia, no de “espírito do tempo”, em história, é dissecado em vários conceitos psicológicos e no estudo da estética, em arte. Formas de sistematizar os sentimentos dos outros assim transformados em objetos de estudos. Entretanto, como objeto de estudos a capoeira não se entrega facilmente nem para seus próprios praticantes. A estes ela exige a alma, pois se expressa na totalidade dos corpos: nos gestos, na voz, nos pensamentos e no indefinível que une tudo isso e que é a própria capoeira.

Falaremos sobre as músicas, que são inúmeras e sempre se renovam. Seguiremos o conceito de ancestralidade para definir os limites de nosso campo de estudos. Isto porque percebemos na músicas mais recentes um esforço em seguir os mestres do passado. Temas, palavras e versos são reapresentados e rearranjados constantemente nas novas composições como na ladainha “Iúna” que apresentamos, adaptada por mestre Moraes. Nela, os versos “a iúna é

mandingueira/ quando está no bebedor” e “cuidado mulher solteira/ com a língua do falador” são reconhecidamente tradicionais. O que define essa tradicionalidade? Em ensaio sócio-etnográfico sobre capoeira angola o pesquisador baiano Waldeloir Rego deixa claro o perigo de tal definição.

Não se pode estabelecer um marco divisório entre cantigas de capoeira antigas e atuais, embora alguns capoeiristas tentem fazê-lo. Mas se se examinar essa distinção, verifica-se que não procede, uma vez que muitas das cantigas consideradas atuais são quadras antiquíssimas, que remontam aos primórdios da colonização, as quais relatam passagens da Donzela Teodora, Decamerão, cenas da vida patriarcal brasileira e motivos outros. Também as cantigas que eles classificam de antigas, em sua maior parte, não o são. Em realidade são quadras de desafios cujos autores viveram até bem pouco; cantigas de roda infantil e samba de roda. Portanto é por demais perigoso se tentar distinguir cantiga de capoeira antiga da atual e, de um modo geral, cantiga de capoeira propriamente dita e cantiga de procedência outra, cantada no jogo de capoeira. (REGO, 1968, p. 89)

Era o ano de 1968; esse texto foi muito lido entre os capoeiristas e ajudou a definir o que hoje se reconhece por tradicional. Seguiremos seus passos e assumiremos as músicas ali registradas como os limites de nosso trabalho. Acrescentaremos também algumas que aparecem em registros fonográficos do período imediatamente anterior, nos primeiros discos de capoeira gravados e que hoje são referência para os adeptos dessa arte; são os discos dos mestres Bimba, Pastinha, Traíra e Cobrinha Verde. Todos os cantos reunidos neste trabalho estão transcritos no capítulo “Coletânea de cantos da capoeira”; a história e os detalhes desse material serão apresentados no capítulo “Fonogramas e etnografias dos cantos da capoeira”. Antes, porém, apresentaremos um pouco da história da capoeira a partir da extensa bibliografia. No capítulo “Capoeira, capoeiras” serão esclarecidas algumas das metamorfoses e das definições que vêm sendo atribuídas à capoeira ao longo dos anos. Essas definições e significações serão importantes para compreendermos algumas das falas e das ações dos antigos mestres. No capítulo “A capoeira em roda” abordamos a história da capoeira relativa ao cancionário que iremos estudar, essencialmente baiano, como a capoeira da atualidade nos indica.

Em nossa análise buscamos um vislumbre da capoeira como foi experimentada e imaginada por alguns de seus mais antigos e importantes representantes. Esse vislumbre será o filtro com que procuraremos analisar as músicas por eles selecionadas para compor o discurso da capoeira registrado em

suas gravações. No capítulo “Ecos poéticos dos cantos da capoeira” traçamos um perfil de alguns de seus cantos, fazendo referência ao amplo universo de influências que pairam sobre eles. Procuramos, na apresentação de nosso cancionário, articular esse discurso multifacetado, que hoje forma importante paradigma com que os capoeiristas procuram se orientar no desenvolvimento de sua arte. Nele trazemos muito da experiência dos praticantes em particular e no coletivo para falar das formas como os diferentes discursos (a palavra falada, a escrita e a cantada, os gestos e os rituais) se articulam num todo coerente ao seu modo.